

Um encanto de galinha

Ela chegou, cacarejou e conquistou
nosso quintal nova-iorquino

Por WILLIAM GRIMES

UM DIA, no auge do inverno, olhei pela janela dos fundos e vi uma galinha. Ela era preto-azeviche com uma crista carmim e parecia não ter consciência de que estava numa cidade grande. À maneira clássica dos terreiros, ciscava, bicava e cacarejava.

Não dei importância à aparição. Pássaros vêm e vão. Em geral são pombos e não galinhas; porém, como outras aves, esta possuía asas e provavelmente as usaria. Pelo menos foi o que pensei.

A protagonista desta história é conhecida simplesmente como a Galinha. A maneira pela qual ela chegou a um pequeno quintal no bairro de Astorias, no Queens, em plena Nova York, continua no plano das conjecturas. Apareceu primeiro na casa vizinha, lar de vários taxistas. Minha mulher, Nancy, e eu achamos que eles tivessem comprado a galinha e a estivessem engordando para um banquete. Essa hipótese gerou dúvidas quando ela pulou a cerca e começou a andar pelo nosso quintal com ares de proprietária.

Comê-la estava fora de questão. Na qualidade de crítico de restau-

rantes e amante de animais, adoto uma política de total hipocrisia. Sirvam-me peixe ou ave, mas não me peçam para olhar o abate. Se vejo o animal vivo, não quero comê-lo.

NANCY e eu elaboramos a teoria de que a galinha escapara do mercado de aves vivas, localizado a quatro quarteirões de distância, e estava em fuga. Nossos corações se compadeeceram daquela valente e pequena refugiada. Tínhamos de salvá-la.

Claro que não sabíamos nada a respeito de criação de galinhas. Para início de conversa, não sabíamos sequer se a nossa era macho ou fêmea. Além disso, o que comem as galinhas?

Um colega me pôs em contato com um fazendeiro. Ele apaziguou minhas numerosas e variadas ansiedades. “Galinhas comem quase tudo”, disse ele, e o frio não as mata. “Elas só afofam as penas”, explicou-me. E, se não houver predadores, não há necessidade de gaiola. As galinhas estavam começando a parecer os bichos de estimação ideais.

Com facilidade a galinha se afeiçãoou ao novo ambiente. Sua princi-

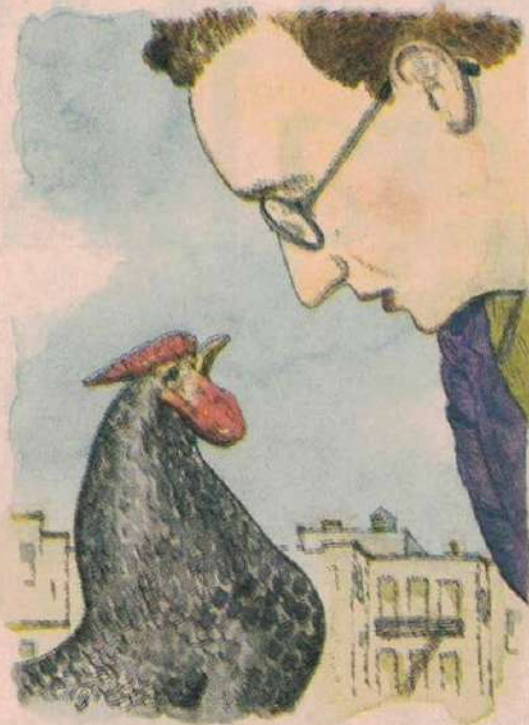
pal tarefa social era se integrar à sociedade felina local – um grupo de uns cinco gatos vira-latas que alimentávamos. Como as duas espécies conviveriam?

Um dia, olhei pela janela e vi quatro gatos alinhados junto às tigelas de comida e, bem no meio, comendo ração para gatos com prazer, estava a galinha. De vez em quando ela empurrava um gato para o lado, a fim de se posicionar melhor.

Os gatos, de sua parte, viam-na com desconfiança. Por ser ave, era uma presa. Mas uma presa grande. Ocasionalmente eles a seguiam, pressionavam o corpo contra o solo, balançavam a cauda e davam todos

os sinais de que partiriam para o ataque. Em seguida, porém, davam-se conta do tamanho da galinha e pensavam melhor, fazendo uma investida sem muito empenho, só para constar.

Logo os dois lados atingiram a paridade. Às vezes eu observava o quintal e via um gato perseguindo a galinha. Dez minutos depois, via a galinha perseguindo um gato. Acredito que eles tenham alcançado o plano do respeito mútuo. Talvez afeição.



Embora fosse bom saber que galinhas comem de tudo, comida para gatos não parecia boa opção. Quando o pessoal da loja de animais não soube como me ajudar, fiz o que todo homem adulto e maduro faria em uma crise: telefonei para minha mãe.

Mamãe foi até à loja de rações de sua cidade e comprou um saco de dez quilos de grãos misturados, uma combinação de sorgo, milho e aveia. Ela começou a enviar a mistura em parcelas. A galinha dava a impressão de gostar da ração, e eu por certo preferia vê-la comer grãos, sobretudo depois da horrível noite em que preparei um jantar especial para os gatos – sobras de frango desfiado – e a galinha os acompanhou alegremente.

Nosso cuidado foi recompensado. Um dia, Nancy viu um ovo no pátio. No pé do pinheiro, onde a galinha dormia, havia um ninho com mais quatro ovos. Eram pequenos, de cor entre o gelo e o bege, mas ali estavam. O acontecimento abençoado.

Logo podíamos contar com cinco ou seis ovos por semana.

Depois que escrevi no *New York Times* sobre a galinha, minha caixa de correio ficou abarrotada de cartas oferecendo conselhos sobre cuidados adequados e alimentação. Incomodados com o fato de ela não ter um nome, fãs enviaram sugestões. *Vivian* tinha certo apelo sensual; *Henrietta* era bonitinho. Mas *Henny Penny*?

A mídia adorou. A Rádio Pública Nacional me entrevistou sobre a ga-

linha em um de seus programas de fim de semana. “Meu produtor quer saber se você poderia levar o telefone até a galinha para podermos ouvi-la”, pediu o entrevistador. Infelizmente não tenho um fio de 30 metros no telefone. A Associated Press mandou um fotógrafo para capturar os diversos estados de ânimo da galinha. (Eram dois.)

CERTA MANHÃ, olhei pela janela da cozinha e meu coração parou. A galinha não estava à vista – nem no pinheiro nem na árvore do vizinho. Tampouco estava bicando e ciscando nos quintais próximos. Não havia sinais de violência, apenas uma única pena preta perto da porta dos fundos.

Definitivamente, ela desaparecera. Mas por quê?

A primavera estava no ar. Teria ido à procura de amor? Ou talvez estivesse reagindo mal ao peso da celebridade? Pode ser que procurasse um local para pôr seus ovos em paz.

Assim como Greta Garbo quando abandonou o cinema, ela sumiu no auge da popularidade, a ponto de se tornar a galinha mais fotografada e mais badalada de nosso tempo.

E eu fiquei com as recordações para me consolar. Nancy e eu nos afeiçoamos à nossa galinha.

Se alguém por acaso vir uma galinha preta e gorducha, dê a ela um recado meu: tem uma luz na janela e um ninho quente ao pé do pinheiro. ■